
A Alteridade em Narrativas Audiovisuais de Imigração e Refúgio: Modos de Representação e Leitura Crítica de Produtos Jornalísticos e de Ficção¹

José Augusto Mendes LOBATO²
Universidade São Judas, SP, Brasil

RESUMO

Em atenção à crescente importância das produções narrativas sobre a alteridade na cultura audiovisual, este trabalho tem como proposta investigar os padrões narrativos, os modos de representação e a recepção crítica de produtos jornalísticos (documentários) e de ficção seriada (telenovelas), com ênfase na temática dos fluxos migratórios e de refugiados e sua abordagem pela televisão brasileira. Ancorados nos estudos de recepção e linguagem e em teorias das mídias e da imagem, exploramos a noção de narrativa de alteridade em seus componentes estruturantes e apresentamos os resultados de um estudo de recepção realizado com imigrantes e refugiados de seis nacionalidades. Ao fim, nota-se o cruzamento de mediações socioculturais diversas no processo de interpretação de tais narrativas – e uma percepção crítica dos espectadores acerca dos modos de representação do outro nelas perpetrados.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa de Alteridade; Representação; Recepção; Imigração; Refugiados.

1. Introdução – A Questão do Outro na Cultura Audiovisual

Ao mesmo tempo em que reitera a potencialidade e capilaridade da cultura audiovisual na sociedade brasileira, a naturalidade com que nos deparamos com imagens, relatos e textos de universos socioculturais distantes – cultural ou fisicamente – nas produções da mídia evidencia, a um só tempo, duas problemáticas. Por um lado, o hábito de produzir e consumir relatos sobre o outro enfatiza uma espécie de naturalização das experiências vicárias, há muito propiciadas pelos meios de comunicação. Por outro lado, lança luz sobre um fenômeno tão complexo quanto negligenciado no passado: a difícil, para não dizer ontologicamente impossível, tarefa de representar com complexidade diferentes experiências sociais, culturais, políticas e de identidade dos povos.

Podemos considerar que, embora associadas a uma constatação antiga dos estudos de linguagem, que já supunham o caráter não neutro desta e as limitações de todo processo de representação, essas empreitadas pelo universo da(s) alteridade(s) com vistas à sua

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP), pós-doutor em Comunicação Audiovisual (PPGCOM-UAM), mestre em Comunicação e graduado em Jornalismo. Docente e coordenador dos cursos de Comunicação e Artes da Universidade São Judas. Sócio e consultor de conteúdo na Report Sustentabilidade. E-mail: gutomlobato@gmail.com.

tradução e apresentação às audiências são, hoje, campo de incontáveis tematizações de países, comunidades e agrupamentos socioculturais em formas ficcionais e não ficcionais – e, por isso, devem ser vistas como um dos vestígios mais ricos da cultura audiovisual. O que denominamos *narrativa de alteridade* é o ponto de convergência desses esforços: produções midiáticas que têm em sua intriga ou em seu conflito primordial a tarefa de revelar e descobrir o outro, o diferente e o distante.

Essa premissa nos leva aos temas contemporâneos em que a questão do outro se torna latente nas produções midiáticas – e entre elas está a crise migratória vivida em diferentes regiões do planeta nas últimas décadas e, em particular, a partir de 2010, atravessando os reflexos da Primavera Árabe, crises humanitárias na África, desastres naturais na região do Caribe e embates político-institucionais na América Latina.

Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), a maior crise de deslocamento do mundo hoje é protagonizada pela Síria, no Oriente Médio, seguida por outras nações como Iêmen, Líbia e, na América Latina, a Venezuela. Ao final de 2019, 79,5 milhões de pessoas haviam sido deslocadas à força, acima das 70,8 milhões no ano anterior. A Venezuela vive hoje uma das maiores crises de deslocamento do mundo, com 4,5 milhões de pessoas que deixaram seu território até dezembro de 2019. Os refugiados – pessoas que tiveram de abandonar seus países por causa de conflitos, guerras ou perseguições – alcançaram 29,6 milhões de pessoas em todo o mundo, somadas a solicitantes de refúgio (4,2 milhões) e 45,7 milhões de pessoas que foram forçadas a sair de suas casas, mas permaneceram dentro de seus próprios países – os chamados deslocados internos. A natureza de uma crise humanitária deste porte impõe, aos meios de comunicação, a complexa tarefa de narrar as particularidades de cada situação, destrinchar os aspectos ligados aos conflitos e, sobretudo, enunciar aspectos culturais, políticos e sociais das populações afetadas – tarefa que atravessa a produção jornalística e, também, a de ficção.

Neste trabalho, vinculado a uma pesquisa pós-doutoral concluída recentemente, propomos um estudo que congrega análises de narrativas de alteridade em suas estruturas de representação e, também, em sua circulação e recepção por aqueles que nela são representados: pessoas que se deslocaram de seus países de origem e hoje vivem no Brasil. Para isso, realizamos um estudo de três obras específicas – dois programas jornalísticos e cinco capítulos de uma telenovela – e as assistimos debatemos com dez entrevistados, oriundos de seis países, em situação cadastral de imigrantes ou refugiados.

2. Fundamentos – Linguagens, Representações, Mediação e Mídiação do Outro

A sustentação conceitual de nosso trabalho atravessa os eixos dos estudos culturais e de linguagem, lugar privilegiado para discussões sobre os processos de representação e narração das identidades, e teorias da imagem e das mídias, priorizando-se o debate sobre os processos que levam à mediação e mídiação do outro. Desse lugar, partimos de asserções como as de Gomes (2003), para quem a linguagem resulta necessariamente em processos de estratificação, classificação e atribuição de sentidos e faz com que todo trabalho de representação seja não neutro e seletivo, guiando nossa percepção quanto ao mundo a partir de chaves de compreensão. Esses processos são naturais, uma vez que “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” (MOSCOVICI, 2003, p.40), e para sua efetiva fixação elas devem circular e ganhar algum lastro coletivo – o que formaliza sua natureza essencialmente social e dependente dos instrumentos da linguagem.

A concepção das representações coletivas em Moscovici e Durkheim indica que estas se fazem vivas a partir de “uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo”, uma vez que, “para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos” (DURKHEIM, 1996, p.XXIII). Moscovici reforça, ainda, que a expressão dos sujeitos se dará a partir das condicionantes ligadas às representações por eles assimiladas, já que “organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura” (MOSCOVICI, 2003, p.35).

Essa perspectiva nos leva naturalmente à ideia de que a linguagem – e suas diversas manifestações representacionais verbais, visuais, sonoras etc. – induz processos de classificação que guiam o pensamento, a expressão e, o que é mais relevante para nossos debates, senso de identidade e pertencimento. Afinal, é preciso, seguindo Gomes, “dizer dos discursos que eles representam uma forma de narrar o mundo e nessa forma está embutido o mundo a ser vivido” (GOMES, 2003, p.41). As discussões sobre o caráter classificatório e organizativo das relações sociais e da própria experiência nas representações encontram um debate fértil no campo dos estudos culturais. Afinal, caberá a essas mesmas representações estruturar o senso de pertencimento, a noção de si (eu/nós) e do outro (ele/eles), e daí realizar a cisão entre o próximo e o distante, com a consequente demarcação das fronteiras e dos lugares da alteridade. Autores como Hall (2001; 2016) e

Bhabha (1998) assumirão que a construção de identidades está intimamente ligada aos processos do representar e do narrar; não à toa, o primeiro dirá que o eu/nós é constantemente formado/transformado e revisitado por meio de representações, enquanto o terceiro verá nesse trabalho um constante esforço de “escrita” de comunidades nacionais – reforçando que a formação da diferença é inerente à própria descoberta e construção do eu, ou seja, identidade e alteridade são complementares lógicos, sendo as formações identitárias “sempre ‘incompletas’ ou abertas à tradução cultural” (BHABHA, 1998, p.228).

Dáí deriva nossa reflexão, já apresentada em trabalhos anteriores (LOBATO, 2017), de que as narrativas de alteridade circulantes nas mídias contemporâneas apenas prolongam, expandem e reforçam o lastro de um processo já existente no contexto das interações humanas: elas servem para nos trazer o outro, traduzi-lo, torná-lo compreensível – ao mesmo tempo em que fixam pontos de diferenciação e semelhanças entre a familiaridade, o próximo, e aquilo que pertence à ordem da alteridade, sujeitos a contínuos processos de revisão e deslocamento. O segundo eixo de nossa discussão teórico-conceitual, dos estudos da cultura audiovisual e das mídias, complementa tal debate ao reforçar que, cada vez mais, processos vicários de experiência e uma leitura de mundo condicionada por processos de mediação e midiatização tornam mais complexa a dinâmica de circulação, recepção e apreensão crítica das narrações de alteridade, bem como seu impacto social.

Examinado à exaustão por diversos pesquisadores, o processo de globalização tem relação direta com a questão. Anthony Giddens, por exemplo, discute a noção de segregação da experiência, que permite a indivíduos de diferentes lugares conectar-se a outros projetos e modalidades de estar-no-mundo. Como diz-nos o autor, “a experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais” (GIDDENS, 2002, p.12). Esse raciocínio demonstra que a alteridade, em tempos de segregação da experiência e de constantes “quase-interações mediadas” – nos termos de Thompson (2011) – propiciadas pelas mídias, se torna um objeto de valor para produtores de narrativas. Tal processo se torna crítico quando examinamos as narrativas de alteridade e o que elas propõem – transformar a um só tempo, a noção do eu/nós e as concepções acerca de universos socioculturais física ou simbolicamente distantes de leitores/espectadores/ouvintes.

Nesse quesito, a discussão de autores como Flusser (2008) e Machado (2002) sobre o universo contemporâneo das imagens difundidas por dispositivos técnicos é pertinente à pesquisa. Machado interpreta o pensamento de Flusser para uma compreensão ampla dos impactos sociais, políticos e culturais de um regime de circulação de representações pautado pela imagem estática, pelo vídeo e pelos meios televisuais de forma mais ampla. Se estamos “no mundo das fotografias, dos filmes, do vídeo, de hologramas, mundo radicalmente inimaginável para as gerações precedentes” (FLUSSER, 2008, p.41-42), o que efetivamente se transforma? Em suma, a escala, a magnitude e o potencial de impacto das representações nela circulantes, uma vez que as technoimagens induzem novos modos de pensamento e agir sobre a realidade.

Finalmente, e em conexão estreita com os debates sobre a circulação de narrativas audiovisuais de alteridade, nosso referencial teórico também atravessa as noções de mediação e midiatização – que, tradicionalmente, têm sido discutidas em termos de seus modos de diferenciação, sua relação com a cultura das mídias e seus impactos sobre os modos de estar no mundo dos indivíduos e coletividades (SODRÉ, 2002; SILVERSTONE, 2002; COULDRY, 2008; MARTÍN-BARBERO, 1997; BRAGA, 2006). Partindo de Silverstone (2002), podemos entender mediação como um processo natural às dinâmicas sociais que envolve a circulação geral de signos e representações na vida cotidiana; para o autor, trata-se de um processo naturalmente dialético, uma vez que, no contexto das mídias, a mediação técnica por esta induzida se combina a outras esferas das relações humanas que extrapolam o consumo de conteúdo dos meios de comunicação. Embora por um lado as mídias nos permitam “enquadrar, representar e ver o outro e seu mundo”, por outro, nem sempre “nos convidam a nos engajarmos com o outro, ou aceitar o desafio do outro” (SILVERSTONE, 2002, p.32, tradução livre)³.

Discussões sobre esses riscos nos levam à noção de midiatização, entendida por autores dos estudos midiológicos e do consumo, por exemplo, como uma transformação mais ampla de estados sociais, assumindo que a presença dos meios de comunicação transforma, por si só, comportamentos e formas de apreensão de conteúdos – e, naturalmente, dinâmicas identitárias. É o que defende, por exemplo, Muniz Sodré (2002, p.22), entendendo midiatização como nada menos que uma “mediação social tecnologicamente exacerbada” (Sodré, 2002, p.21-22), enquanto Couldry (2008, p.3)

³ No idioma original: “Our media allow us to frame, represent and see the other and his or her world. They do not, by and large, in their distancing, invite us to engage with the other, nor to accept the challenge of the other”.

enxergará nela “uma transformação essencialmente linear de estados sociais ‘pré-mídia’ (antes da intervenção de mídias específicas) para estados sociais ‘mediatizados’”.

Adicionalmente, podemos articular a ideia dos processos de mediação e mediatização à produção e conformação social dos discursos midiáticos. Com base em Charaudeau, podemos entender que o *discurso circulante* – a “soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2007, p. 118) – é um aspecto-chave a se analisar quando da discussão do modo como a alteridade é construída na e por meio das mídias. A rigor, enxergamos as narrativas de alteridade circulantes nas mídias audiovisuais – sobretudo na televisão, segundo eletrodoméstico com maior presença nos lares brasileiros, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – para esse debate no contexto brasileiro. Orientado pelo referencial teórico, nosso problema de pesquisa ganha contornos mais claros: é fundamental se compreender de que modo as narrativas de alteridade presentes na produção audiovisual contemporânea propõem, efetivam e impulsionam processos de mediação e mediatização do outro. Interessa-nos verificar se e como a questão do outro se faz presente nas construções narrativas e em seu processo de circulação social, desde a configuração da intriga até os modos de interpretação crítica por parte das audiências.

3. Métodos – O Lugar das Mediações no Consumo da Alteridade

Nossa pesquisa se vale de um método de investigação duplo. Por um lado, ocupamo-nos da análise das mensagens trazidas em produtos audiovisuais televisivos brasileiros, observando em especial três obras, duas do campo do jornalismo e uma do universo da ficção seriada; por outro, lançamos luz sobre os processos de recepção, buscando estudar a leitura crítica de espectadores de origens e nacionalidades distintas do Brasil sobre esses mesmos produtos. Como tema central de debate, concentramo-nos na questão dos imigrantes e refugiados, sujeitos de elevada relevância em qualquer discussão contemporânea sobre o impacto e as potencialidades pedagógicas do televisual brasileiro.

Em relação ao primeiro segmento da investigação, partimos de um lugar trabalhado em pesquisas anteriores para articular o uso de métodos da narratologia e da análise do discurso de linha francesa para investigar o processo de representação do outro.

O *corpus* para essa etapa inclui três obras audiovisuais: o documentário “Refugiados no Brasil”, exibido na GloboNews em 19 de fevereiro de 2017 no programa GloboNews Especial, com 23 minutos de duração; uma edição do jornalístico Profissão Repórter sobre refugiados no Brasil, exibida em 9 de maio de 2018, com 24 minutos de duração; e os cinco primeiros capítulos da telenovela “Órfãos da Terra”, com duração média de 35 minutos cada, exibidos na primeira quinzena de abril de 2019.

Para essa etapa do estudo, partimos da premissa de que, ao investigar a organização do conflito/intriga (TODOROV, 2003) e também os valores e sentidos atribuídos aos discursos que atuam na regulação social da diferença, poderíamos identificar a existência ou não dos procedimentos definidores do que entendemos por narração da alteridade, tomando como base uma listagem de oito estratégias mapeadas por nós em investigação sobre produtos jornalísticos e de ficção (LOBATO, 2017, p.412): (a) intriga fundada na alteridade; (b) retórica testemunhal-afetiva; (c) narrativas de trajeto; (d) adoção de personagens e sujeitos fronteiriços; (e) traduções e produção de polos opositivos; (f) processos contra-narrativos; (g) valorização do outro e atribuição de sentidos; e (h) interações ficcionalização x factualização (hibridismo de linguagens).

No segundo aspecto, que tem como ênfase os processos de circulação e recepção das narrativas de alteridade, temos o objetivo de entender como visões de mundo são apreendidas criticamente pelos próprios sujeitos nelas representados. Aqui, o ponto de partida é a ideia de uma recepção multifacetada, em várias camadas de mediações que interferem no processo perceptivo e de interpretação e resposta aos conteúdos midiáticos. Conforme Martín-Barbero (1997), entendemos que o deslocamento de foco de análise para as mediações deve nos levar a uma leitura que, para além do clássico processo linear e suas instâncias de produção e recepção, lança esforços sobre as mediações constitutivas das relações entre os sujeitos, os meios de comunicação e os discursos e representações circulantes, em uma relação de consumo crítico, negociado e influenciado por diversos fatores de ordem social, cultural, política etc. Jacks (2015), em específico, discute a importância de se situar a análise em termos dos processos interpretativos dessas relações entre as audiências, seus contextos de vida e práticas e as instâncias midiáticas e extramediáticas de circulação dos discursos. Assim, os estudos de recepção devem “detalhar aspectos do fenômeno midiático na dimensão de seus conteúdos, fechando o foco de observação”, além de, por meio da compreensão do consumo midiático, “adentrar nas práticas dos receptores” (TOALDO; JACKS, 2013, p.8, apud JACKS, 2015, p.243).

Nossa pesquisa de campo abrangeu dez entrevistas, realizadas na Região Metropolitana de São Paulo no segundo semestre de 2019, com imigrantes e refugiados de seis nacionalidades. Adotamos o método semiaberto em profundidade, com questionário parcialmente estruturado, e durante a interação também assistimos a trechos do documentário “Refugiados no Brasil” e do quarto capítulo de “Órfãos da Terra”, buscando examinar percepções dos entrevistados sobre os programas. A pauta contemplou questões gerais sobre suas relações com a mídia brasileira, a percepção do papel e do impacto social do jornalismo e da ficção e seus hábitos de consumo de mídia. Os entrevistados tiveram seus nomes e sobrenomes alterados abaixo para nomenclaturas-fantasia, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado.

Tabela 01 - Imigrantes e refugiados entrevistados na pesquisa (2019) – Fonte: autor.

Entrevistado	País de origem	Situação / condição atual
Juan R.	Venezuela	Refugiado
Hilal A. T.	Síria	Refugiado
Ali J. R.	Síria	Refugiado
Julia I.	Síria	Imigrante
Abou A. Y.	Burkina Faso	Imigrante
Mali S.	Haiti	Imigrante
Sara P.	Guiné-Bissau	Imigrante
Lori J.	Chile	Imigrante
Mary P.	Venezuela	Refugiada
Salim A. S.	Síria	Refugiado

4. Resultados – Narrativas de Imigração e Refúgio: suas Estruturas e Leituras

A realização da pesquisa em seus dois passos nos permitiu identificar a centralidade do outro nos processos de representação e, sobretudo, perceber de que modo ocorre o cruzamento de mediações diversas no processo de interpretação das narrativas televisuais. Quanto à análise das obras audiovisuais do *corpus*, notamos, em particular, que a influência de pressupostos dos gêneros e formatos examinados – a saber, o documentário jornalístico e a telenovela –, embora perceptível, não se traduz em diferenciações determinantes entre as maneiras como os programas GloboNews Especial e Profissão Repórter e a telenovela “Órfãos da Terra” constroem a alteridade. Independentemente do caráter ficcional da terceira e da factualidade dos dois primeiros, notamos que o material audiovisual como um todo contém as oito estratégias próprias à

narrativa de alteridade anteriormente citadas, inclusive no que concerne à centralidade da alteridade – tida como conflito ou intriga central das obras.

Em especial, chama-nos atenção, no exame das narrativas, a retórica testemunhal e a produção de polos opositivos (identidade-alteridade; nós-eles; próximo-distante; nativo-estrangeiro) baseada na estratégia de personagens fronteirços, que transitam entre universos. Por exemplo, em “Refugiados no Brasil”, do GloboNews Especial, percebe-se a condução de boa parte da narrativa a partir da perspectiva de três núcleos: a família da jovem Alma e seus pais Zobaedah e Yahia, sírios que moram na região de Valinhos (SP); Khuloud, arquiteta e refugiada síria residente no Rio de Janeiro (RJ); e Nkombo, cabeleireira que veio da Angola há 24 anos para o Brasil. Junto deles, a apresentação de uma vizinha (Gabriela dos Santos) que comenta a rotina local com a chegada dos refugiados, no primeiro caso, reforça a ideia de se combinar representações do alhures a elementos de familiaridade, com personagens “fronteirços” que atuam em espaços de intersticialidade e por isso atuam como tradutores culturais. Outro elemento importante é a atribuição de valores e sentidos à alteridade, com certa tendência a associar os refugiados a vítimas de violações de direitos com terminologias que os designam como sujeitos passíveis de resgate e que demandam proteção. A fala de Gabriela enfatiza esse aspecto e a noção de acolhimento que se propõe, ao longo do programa, por meio dos depoimentos de brasileiros atuantes na integração cultural e formal (ONGs, governos etc.) dos estrangeiros em processo de imigração ou refúgio. Note-se nos termos em *itálico*:

Eles precisam de muita ajuda, né, é necessário, no restaurante também... a Zobaedah é uma batalhadora, né Zobaedah. *Tadinha*, é guerreira pra caramba. (...) de lá para cá para enfrentar tudo isso, né. A gente se *apegou* demais a eles. (...) E aqui um ajuda o outro, nosso papel é assim, um ajuda o outro aqui (SANTOS, 2017, grifo nosso).

Do mesmo modo, a edição analisada de Profissão Repórter reforça a retórica testemunhal por meio da presença, no centro condutor da narrativa, de personagens atuantes no processo de integração de refugiados – sobretudo sírios e haitianos, no Sul, no Sudeste e no Norte brasileiros – e, em específico, dos próprios repórteres, que, como nas demais edições do programa, tornam-se personagens ativos da pauta, exibindo suas emoções e seus deslocamentos rumo à alteridade (estratégia de narrativa de trajeto). Nesses casos, percebe-se a existência de momentos de ênfase testemunhal-afetiva – como quando, aos 15 minutos do programa, a refugiada Hifa abraça o repórter, em um longo

trecho em que o repórter, abalado, diz se imaginar “na situação da família”. Quanto à telenovela “Órfãos da Terra”, os oito recursos supracitados marcam presença, com destaque para a interação ficcionalização-factualização marcada por trechos dos primeiros quatro capítulos em que o processo de fuga e imigração da família da protagonista Laila Faiek (Julia Dalavia) é o fio condutor da narrativa, com cenas de invasão de seu lar por fundamentalistas na capital síria e, posteriormente, sua saída rumo ao Brasil em um transatlântico no qual conhece Jamil (Renato Góes), seu par amoroso, muçulmano. Paralelamente, diálogos nos capítulos de 5 e 6 de abril mostram a interação entre Mamede (Flávio Miggliacio) e Bóris (Osmar Prado). Ambos se hostilizam por diferenças religiosas – o primeiro é muçulmano; o segundo, judeu. Nota-se na obra, ainda, a ênfase na produção de polos opostos e na questão contra-narrativa, estabelecendo um paralelismo interessante entre a questão islâmica e judaica como um caso de cisão de identidades no próprio território do Oriente Médio, traduzindo a complexidade da convivência entre etnias, agrupamentos religiosos e correntes dentro de cada religião por meio de personagens ancorados, física e simbolicamente, no Brasil.

Assim, nossa análise estrutural aponta a intriga fundada na alteridade nas três obras e a transversalidade das oito estratégias de representação, em diferentes graus de intensidade, nas obras, em especial as narrativas de trajeto, a presença de personagens fronteiriços e, na ficção, de elementos contra-narrativos à hora da explicação das questões que levam à recente crise humanitária com origem no Oriente Médio. A essas percepções se somaram os achados de nossa pesquisa de campo com imigrantes e refugiados. As entrevistas foram cruzadas ao levantamento geral das características dos registros audiovisuais do *corpus*, o que nos levou a reiterar a percepção, por parte das audiências, de que a alteridade é eixo norteador não só da intriga em termos estruturais, mas também do processo de percepção e entendimento das obras pelos participantes.

Fizemos a compilação da análise das entrevistas em duas categorias: (a) critério geográfico (percepções e apontamentos dos entrevistados de acordo com sua região/continente de origem: África, Oriente Médio ou América Latina); e (b) temas tratados com maior frequência e intensidade em comentários espontâneos ou nas respostas às questões feitas. Nesse segundo eixo, categorizamos as percepções dos entrevistados sobre (i) o tratamento dado por autoridades no processo de entrada, registro e formalização da situação cadastral dos refugiados e imigrantes; (ii) o acolhimento da população brasileira após a chegada ao País, sobretudo nos quesitos afetivo e cultural; e

(iii) a integração de refugiados e imigrantes ao mercado de trabalho. De modo geral, é recorrente o questionamento dos modos de organização e concatenamento da informação factual, histórica e contextual sobre os motivos que levam às migrações forçadas retratadas na ficção e no jornalismo. Os entrevistados, oriundos de países da América Latina, da África e do Oriente Médio, notam nas narrativas audiovisuais de alteridade um esforço insuficiente de explicação sobre seus universos socioculturais – algo que dialoga com a percepção de autores como Bhabha (1998) quanto às limitações dos textos culturais sobre povos e nações, repletos de simplificações e essencialismos.

O documentário “Refugiados do Brasil” trata, em especial, de imigrantes e refugiados de países como Angola e Síria; já a edição de Profissão Repórter tem foco em senegaleses, haitianos e sírios. A telenovela “Órfãos da Terra” tem foco explícito em sírios, embora também aborde brevemente a questão palestina e os conflitos entre Israel e seus vizinhos árabes. Sara P., administradora formada no Brasil e nascida na capital de Guiné-Bissau, nota a existência de limitações no conhecimento dos produtores de meios de comunicação sobre a África em geral, sempre tratada em grande generalização, enquanto a Síria ganhou maior ênfase em decorrência da guerra civil.

Ainda é um tratamento de curiosidade. O que retratam da África é limitado: você, aqui, falando comigo, já vai tirar algumas dúvidas que vão além do que se vê na TV... além da savana, da questão econômica e da guerra. A questão da Síria está a ajudar um pouco: eles, porém, são brancos e vêm de um país em guerra civil, a atenção é outra. Já nós, africanos, vivemos conflitos há décadas em alguns países (SARA P., 2019, informação verbal).

Abou A. Y., de 30 anos, garçom e professor de francês que nasceu em Burkina Faso, tem críticas, em especial, ao trabalho jornalístico. Refere-se à forma como o processo de formalização da documentação de refugiados ou imigrantes é representado como extremamente romantizada e simplificada, sem aprofundamento. “Ainda tem muita coisa para melhorar, especialmente África. Quando falam, é um nigeriano com droga, um falso casamento para migrar (...). Em vez de mostrar o nigeriano e o senegalês com droga, existem outras coisas – cidadãos que não estão cometendo o crime”, diz. “Estão em legalização. Tentando. Sem orientação sobre qual é o processo para fazer” (2019, informação verbal). Os entrevistados sírios, por outro lado, têm visão no geral mais positiva quanto aos modos de representação, especialmente após assistir aos documentários e a trechos de “Órfãos da Terra”. À exceção de um entrevistado desse país,

os demais notam esforço de representação mais denso na própria telenovela do que nos produtos jornalísticos, considerados mais breves e, por isso, generalistas. Por outro lado, assumem que a representação do Oriente Médio tende a ser incapaz de explicar adequadamente os diversos conflitos e papéis dos países da região. Ali J. R., refugiado no Brasil que inclusive foi figurante em “Órfãos da Terra”, relata certa “instrumentalização” do olhar dos jornalistas quanto aos países. Em suas palavras, “muitas vezes o jornalista é enviado para fazer um trabalho sem considerar o que interessa àquele refugiado falar. O jornalista é entrevistador e mais nada; quer tirar da boca do refugiado um depoimento, e a parte mais importante não é dita (2019, informação verbal). Na mesma linha, Julia I, uma síria cristã de 32 anos que está há cinco no Brasil, nota tanto na ficção quanto no jornalismo uma falha grave: generalizar e colocar em relação de equivalência árabes e muçulmanos, além de reduzir a diversidade dos povos do Oriente Médio em geral, “tratando tudo como se fosse a Arábia Saudita”, em suas palavras.

A novela é um pouco mais dramática e exagerada do que a realidade. Para mim, vi aquelas pessoas [personagens de “Órfãos da Terra”, ao chegar ao Brasil e ser acolhidos] muito felizes, o processo muito fácil. Sobre o documentário, aí é um pouco mais real. Ele meio que está fazendo um branding bom, politicamente, mostrando o acolhimento, que o Brasil está fazendo tudo para os imigrantes. Mas se for comparado com outros países, tem país muito pior (JULIA I., 2019, informação verbal).

Por fim, nos quesitos ligados ao acolhimento afetivo e à representação do ingresso dos imigrantes e refugiados no mercado de trabalho, é notável o comparativo entre as vivências reais dos entrevistados e as situações retratadas nas obras jornalísticas e de ficção, reforçando o papel das mediações socioculturais no processo de interpretação das narrativas de alteridade, marcadas por experiências próprias ou relatos acessados em outras vias midiáticas e extramidiáticas. Mary P., refugiada venezuelana que veio ao Brasil com dois filhos e o esposo, relatou várias dificuldades relacionadas ao exercício profissional por conta de diplomas, certificados e dificuldades com o idioma.

O jornalismo tem uma coisa positiva, de não mostrar [refugiados] como coitadinhos. Temos que mostrar nosso repertório e nosso conhecimento. Quando o refugiado chega, as coisas mudam muito. A gente não tem hora, curte um dia de cada vez. Aprendemos a dar valor, a curtir tudo, adorar o que está comendo, aproveitando. Quando te tiram o mais básico, você se sente afogado. Isso faz falta ver na mídia (MARY P., 2019, informação verbal).

A entrevistada traz críticas quanto à questão da xenofobia, que, embora com menor frequência do que os casos de bom acolhimento, diz já ter presenciado ou vivenciado – ela afirma não observar abordagem sobre o assunto nas obras audiovisuais brasileiras. “O povo da rua onde a gente morava foi muito receptivo, mas quando você vai a uma instituição ou empresa brasileira a gente sofre. Quando você vai ascendendo o nível, fica pior”, relata. Juan R., também um refugiado venezuelano, enfatiza o aspecto de que a representação geral dos povos da América Latina tende à generalização, sobretudo com relação à questão da inclusão profissional e das condutas do imigrante.

A forma como foi mostrada [a questão de refúgio no documentário “Refugiados no Brasil] é boa. Mostra a realidade que se passa com cada pessoa saindo do seu país – sírio, venezuelano, senegalês, cada um tem seu rumo e sua história. Precisa ficar claro que nem todo estrangeiro é vagabundo, nem todo estrangeiro está mal-intencionado. Acho que a mídia deveria concentrar atenção nas pessoas que realmente querem trabalhar. Ser metódico na forma como mostra as pessoas e escolhe os personagens, porque isso fica na cabeça do público e cria estereótipos (JUAN R., 2019, informação verbal).

A chilena Lori P., que tem formação acadêmica em nível de pós-graduação e mora há décadas no Brasil, fez amplas críticas aos recursos de tradução cultural da telenovela e do documentário. “A forma de ver do documentário... o olhar está preso em preconceito. A postura corporal dessa mulher que vem da guerra [refere-se a uma síria entrevistada no jornalístico da GloboNews]...”. Após parar para refletir, ela emenda: “os autores do documentário poderiam ter tirado o ‘coitada’ [palavra dita por uma vizinha da mulher síria, em entrevista], isso não agrega em nada. É um ser digno de respeito” (2019, informação verbal). Essa entrevistada, em especial, nota certa tendência à redução de complexidade de todos os imigrantes à categoria de “coitados”, sobretudo em aspectos profissionais e de cidadania, tanto nas abordagens jornalísticas quanto nas de ficção.

Em suma, identificamos que as percepções de nossos entrevistados foram relevantes por indicar um conjunto de apropriações críticas dos sentidos, valores e discursos a eles associados e à imagem de suas comunidades que é trazida pela representação jornalística e de ficção. Ficam evidentes as mediações socioculturais que tornam as narrativas de alteridade, independentemente de suas estratégias de representação, dependentes do repertório e das experiências extramidiáticas das audiências.

4. Considerações finais

A partir dos resultados, notamos que os processos de interpretação crítica das narrativas televisuais de alteridade por nós selecionadas reiteram o potencial das mediações como lugar fundante das relações entre indivíduos/comunidades e os produtos midiáticos contemporâneos. Ancorados em suas experiências, os imigrantes e refugiados entrevistados por nós expuseram análises críticas sobre a verossimilhança e a qualidade da representação de seus próprios países e de outras localidades na telenovela e no documentário jornalístico; além disso, identificam um esforço relevante, embora insuficiente, de explicação, tradução e representação de sua realidade nas obras, por meio de personagens que traduzem vivências suas e de seus conterrâneos.

Embora ultrapassem o conteúdo das narrativas, posto que se ancoram em experiências extramidiáticas, de natureza concreta, bem como em um repertório cultural aprofundado de suas regiões de origem, as leituras críticas de nossos entrevistados demonstram alinhamento com as reflexões derivadas do exame da construção narrativa dos produtos audiovisuais considerados no *corpus* à luz de nossos referenciais dos estudos de linguagem e cultura. Em duas vias ou etapas, nossa investigação evidenciou que a via de análise mais completa para narrativas de alteridade pode – e deve – considerar uma combinação da compreensão de seus mecanismos estruturais e, em seguida, seu cotejo à luz das audiências, com ênfase no lugar das mediações nos processos de leitura crítica.

Retornando ao nosso problema de pesquisa, as narrativas televisuais de alteridade contemporâneas contribuem para a fixação de representações imersas em uma ampla rede de mediações socioculturais das audiências – que, no caso de imigrantes e refugiados, incluem a experiência de viagem e ingresso no Brasil de cada entrevistado, as dinâmicas da vida cotidiana de quem ainda se adapta à realidade nacional e as próprias características comportamentais e de relação entre esses espectadores e as mídias. No trabalho de campo, ficou evidente que uma interpretação crítica e questionadora sobre os processos e produtos midiáticos é inerente à própria leitura de mundo do imigrante/refugiado em sua compreensão do país em que agora reside – sobretudo ao entender as codificações de gêneros e formatos e as limitações e funções sociais do jornalismo e da ficção seriada no País.

Em próximos estudos, acreditamos ser possível amplificar a discussão sobre a recepção crítica de narrativas de alteridade entre sujeitos nelas representados como

outro(s) por meio de grupos de discussão envolvendo pessoas de diferentes nacionalidades, bem como avaliar a aplicação de instrumentos quantitativos de pesquisa no exame dos procedimentos narrativos nos produtos jornalísticos e de ficção. Assim, aprofunda-se o entendimento sobre as particularidades das mediações ligadas à leitura crítica de representações de alteridade em diferentes instâncias e agrupamentos sociais.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRAGA, J. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, vol. 5, n. 2, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New Media & Society**. Vol 10 (3). London: Sage, 2008. p.373-391.
- DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FIGARO, R; GROHMANN, R. A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. **Palavra Chave**, 2017, 20(1), 142-161.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, M. R. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Guaracira, 2001.
- _____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri / PUC Rio, 2016.
- JACKS, N. Da agulha ao chip: brevíssima revisão dos estudos de recepção. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, set./dez. 2015.
- LOBATO, J. A. M. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem: um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira**. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MACHADO, A. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J.. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- SILVERSTONE, R. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**, 2002, v.33., p.761-780.
- SODRÉ, M. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes 2002.
- THOMPSON, J. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo, Perspectiva, 2003.